

ENTRE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: A DIFÍCIL GESTÃO DO PASSADO

MARIA LETICIA MAZZUCCHI FERREIRA*

Resumo: Nesse texto discutimos a relação entre memória, patrimônio e usos do passado levando em consideração a ideia de que vivemos uma nova relação com o tempo, caracterizada por aquilo que Valdimar Hafstein denomina como regime patrimonial. O estudo sobre políticas públicas de patrimônio implementadas na cidade de São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul, serve de base para discutirmos o tema da memória, tradição, patrimônio e novos passados.

Palavras-chave: Memória; Patrimônio; Usos do passado; São Lourenço do Sul.

Abstract: In this text we discuss the relation between memory, heritage and the usage of the past, considering the idea that we live in a new relation with time, featured by what Valdimar Hafstein calls "heritage regime". The study about the heritage public policy implemented in the city of São Lourenço do Sul, in the state of Rio Grande do Sul, features as a basis for a discussion about the theme of memory, tradition, heritage and new pasts.

Keywords: Memory; Heritage; Uses of the past; São Lourenço do Sul.

Nesse texto, apresentado na mesa-redonda *História, Memória e Patrimônio*, realizada durante o XI Encontro Estadual de História, busco apresentar algumas reflexões que são parte fundamental daquilo com que venho trabalhando tanto na docência quanto na pesquisa. São as questões referentes ao papel e à proeminência do passado no presente, às políticas do tempo, às manifestações da memória e à emoção patrimonial. Elementos que compõem o repertório atual de nossas sociedades contemporâneas. Assim, inicio essa breve intervenção apresentando três situações que tomarei como desencadeadoras da reflexão a que me propus.

Primeiro quadro: Madri, manhã de 11 de março de 2004,

* Professora Associada do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro Universidade Federal de Pelotas. E-mail: leticiamazucchi@gmail.com

7h30min. Na estação Atocha, a maior da cidade, uma bomba explode junto aos trilhos. Quase ao mesmo tempo outras bombas explodem em duas estações menores. Mais de 190 mortes e 1.800 feridos é o resultado funesto dos atentados. Já nas primeiras horas que seguem ao trágico episódio, começam a ser depositadas velas e flores nos corredores subterrâneos da estação. Com o tempo, novos objetos vão sendo acrescentados a esse lugar enterrado: bilhetes, fotos, etc. Essa manifestação é interpretada pela direção da estação, tal como afirma o antropólogo Gêrôme Truc¹, como uma homenagem justa porém em local inapropriado. Todos os dias o pessoal de limpeza retirava o que havia sido deixado pelos transeuntes... todos os dias as velas, flores, bilhetes eram repostos. Essa situação perdurou por um período curto de tempo até ser anunciada na mídia, a construção de um memorial disposto sobre o local das explosões. Inaugurado em 2007, essa construção circular em tom azul, em cujas paredes se inscrevem frases nas diversas línguas dos que pereceram no atentado, revelou, muito rapidamente, uma incongruência (ou aparente incongruência), pois os livros de registro do memorial atestam que os visitantes não eram, em sua maioria, madrilhenhos. Ou seja, o local havia se convertido em um ponto de circuito turístico, parecendo, então, ter sido destituído de emoção e memória.

Segundo quadro: manhã de outubro, na Basílica de Guadalupe, cidade do México. Reúne-se um grupo de centenas de participantes da chamada *Antorcha Guadalupeña*. Em 72 dias essa tocha, que passará por nove estados mexicanos, deverá chegar em 12 de dezembro na cidade de Nova York para uma comemoração à Virgem de Guadalupe, realizada na Catedral de Saint Patrick. Tal como uma corrida olímpica, a tocha vai passando de cidade em cidade, agregando peregrinos. Essa peregrinação recorre, ao longo do território mexicano, a rota dos emigrantes, movimento iniciado na segunda metade do século XIX, em direção aos Estados Unidos. As pessoas conduzem

1 Intervenção baseada em sua Tese de Doutorado *Les manifestations de solidarité en réaction aux attentats de New York, Madrid et Londres (2001-2005): esquisse d'une sociologie du cosmopolitisme européen*, apresentada no Seminário *Les épreuves de la mémoire collective*, dirigido por Johann Michel na École des Hautes Études en Sciences Sociales, entre 2009-2010.

em fila uma tocha e várias imagens da Virgem de Guadalupe. Entoam cantos e carregam imagens de parentes que emigraram. Repetindo simbolicamente a viagem dos que deixaram a terra natal (viagem que para muitos se converteu em um não retorno), esse movimento parece sacralizar a rota da emigração e exorcizar as ameaças do incerto e arriscado periplo da travessia da fronteira, bem como a difícil reconstrução da vida no outro lado da fronteira (RAMIREZ, 2010).

Terceiro quadro: na Bósnia, mais de seis mil pessoas participam da marcha anual em memória às vítimas do massacre de Srebrenica. Os participantes percorrem, no sentido inverso, o trajeto feito pelos homens, mulheres e crianças bósnias que em julho de 1995 fugiram de Srebrenica, após a região ter sido ocupada pelas forças sérvias que massacraram cerca de 8 mil muçulmanos e os sepultaram em valas comuns. A ritualização através da marcha pelos lugares de sofrimento no passado, reatualiza e demarca a memória em uma comemoração cujo sentido se altera a cada ano.

O que imediatamente aparece em comum aos três quadros, aos quais se poderia acrescentar inúmeros outros exemplos contemporâneos, é uma complexa relação entre memória, tradição e patrimônio, todos ancorados em uma dimensão espacial que lhes formata e dá sentido: os corredores do metrô, as vias da imigração e o caminho do martírio. Aqui a obra de Maurice Halbwachs, *A Topografia Legendária dos Evangelhos em Terra Santa*, publicada pela primeira vez em 1941, apresenta-se como uma possibilidade de compreensão do que o autor denomina como os quadros sociais da memória. Nesta obra, o fundador da Sociologia da Memória analisa como o espaço, fundamental na narrativa cristã, confere estabilidade às alterações que se produzem no tempo da lembrança, o tempo do presente. Nessa obra, Halbwachs aborda a organização do espaço através da narrativa dos *Evangelhos* que, sob a forma de memória em movimento, definindo e atualizando os itinerários dos lugares santos, inscreve o espaço numa ordem menos territorial do que simbólica.

O texto de Halbwachs (1941) começa por um relato de

peregrinação, o *Peregrino de Bordeaux*, datado do século II D.C. Esse relato, um dos mais antigos de acordo com o autor, faz parte daquilo que ele considerou como formadores de memórias coletivas do cristianismo: os movimentos e narrativas peregrinatórias. É sob a via peregrinatória que se configuram formas de purificação, remetendo à dimensão individual do *Homo viator* e, de forma coletiva, a sacralização dos lugares percorridos. Essa memória constantemente atualizada e ressignificada é o que permite a continuidade dos lugares como referentes e significantes, materiais e simbólicos, funcionais e evocativos².

Nos três quadros apresentados nesse texto, a memória assume o papel de propor um sentimento de coesão em torno de fatos geradores com imensa carga de dramaticidade, propondo, através do ato ritual (depositar flores, peregrinar) o compartilhamento dessa lembrança. Compartilhamento esse que, mais do que tudo, acreditamos existir (CANDAU, 2011).

Ao mesmo tempo, esses três quadros apontam para uma institucionalização da memória (o memorial em Madri e as peregrinações anuais nos dois outros casos), e a conformação de uma tradição (ou retraditionalização como aborda Antonio Machuca Ramirez) cujo reconhecimento e transmissão se fazem necessários nessa gestão de memória e sua dimensão política, que é a patrimonialização.

Ainda que reproduzam gestos ancestrais (a homenagem, a peregrinação), essas manifestações não podem ser observadas fora de um contexto no qual a memória e o patrimônio vêm assumindo um papel proeminente, quase estruturante das sociedades ocidentais contemporâneas.

As origens dessa irrupção da memória nos tempos atuais, caracterizando aquilo que o antropólogo francês Joel Candau (2010) denomina como “mnemotropismo”, estão, de acordo com Pierre Nora (1984), no chamado “momento memorial” ou com o que Michel Wieviorka (2003) aponta como “a emergência

2 Remeto aqui ao texto de Anne Grymberg (2004) denominado *La pédagogie des lieux*, referente ao estudo de público visitante do campo de Auschwitz. Dentre as diferentes motivações e formas de visitação do campo, uma das mais significativas é aquela que se reveste de um caráter peregrinatório no qual o compartilhamento coletivo da memória se manifesta através de atitudes reflexivas e até mesmo expiatórias.

da vítima” no século XX. Isso ocorre especialmente após a Segunda Guerra Mundial, em um contexto memorial no qual as narrativas relativas à Shoah e ao surgimento de uma reivindicação baseada na imprescritibilidade dos crimes lesa à humanidade, determinada pelo Tribunal Penal Internacional, propiciou que emergisse, de acordo com Jean-Michel Chaumont (2000), uma “concorrência de vítimas” afirmada por grupos buscando o reconhecimento de seus sofrimentos. Assim vemos, de acordo com Joel Candau (2011), as diferentes memórias se articulando em torno de diferentes reivindicações de afirmação, tais como a memória armênia, mobilizando a cultura desse grupo contra a negação do genocídio, a memória judaica em torno da Shoah, na França a memória protestante se construindo a partir da lembrança da revogação do Édito de Nantes e das perseguições, dentre inúmeras outras expressões identitárias erguidas sob a base dos usos do passado.

Mais do que falarmos em memória como individuais ou coletivas, falsas ou boas, penso que seja importante refletir sobre a ideia de que falamos de apropriações do passado e seus usos sociais no presente. Essa irrupção da memória através das comemorações, da patrimonialização, do “controle da perda durável” como diz Gaetano Ciarcia (2006), do dever de memória gerando dispositivos sob a forma de legislação, arquivos, “Comissões de verdade”, aponta para a proeminência da memória como modo de gestão do passado ou da representação do passado.

A noção de memória entendida como lembranças compartilhadas por indivíduos pertencentes a um grupo social em um determinado momento (o presente) ocupa, assim, um lugar importante na cena pública. Ao lado dos que originalmente eram autorizados a produzir o saber sobre o passado (historiadores), outros atores emergem na disputa da “boa versão”, pois o que está em questão é uma definição do passado para a qual concorrem instituições e processos sociais supostamente aptos a produzi-la (os empreendedores da memória), sendo importante aqui refletir sobre os efeitos desse processo tal como os usos de políticas de memória como instrumentos de poder, por exemplo.

A construção de um passado legítimo passa por mecanismos de institucionalização que formalizam a interação entre as políticas de memória e os grupos sociais que serão, em última instância, aqueles que o reelaboram para transmiti-lo às gerações futuras.

O tema da memória coletiva, que toca de maneira essencial a questão do princípio de coesão social, assume um papel singular no contexto heterogêneo de nossas sociedades contemporâneas. A noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, vinculando-se às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais. Vinculada ao universo de interações e significações de um sujeito em seu mundo, é essa reinterpretação constante do passado, sua reconfiguração e formas de ação no presente, tal como abordou Maurice Halbwachs (1925) ao definir essas vinculações da memória individual com o seu contexto social.

Caracterizando aquilo que se poderia entender como uma economia da memória, têm-se as buscas memoriais que se aproximam, e por vezes se confundem com buscas e afirmações identitárias, sobretudo quando se fala de uma “memória ativa” refletida nas expressões patrimoniais. As políticas de patrimonialização, a invocação de um “dever de memória” e a diversidade de memórias comuns são maneiras, por vezes conflitivas, de construir politicamente o passado. Tal como afirma Bertrand Lessault (2004), passa-se rapidamente da “história-memória” à “história-patrimônio”, transformado esse último em símbolo de identidade.

Do patrimônio como base da Nação chega-se hoje à “proliferação”, termo utilizado por Jean-Louis Tornatore (2010) e a pulverização em pequenos patrimônios - locais grupais e, sobretudo, performativos. Do ponto de vista da relação com o tempo, essa proliferação patrimonial é sinal de uma ruptura entre o presente e o passado, da mudança de um regime de memória a outro: o regime patrimonial. Conforme afirma Valdimar Hafstein (2007) e base da interrogação de Pierre Nora (1984), diz respeito à ruptura com o mundo da experiência, um mundo que

perdemos. Logo, o patrimônio é, de acordo com Lessault (2004), um recurso para tempos de crise e determinado pelo imperativo moral de reconhecimento de si próprio.

Na busca de uma compreensão de patrimônio que não caia na simplificação de um essencialismo, é fundamental levar em consideração aquilo que Llorenç Prats (2001) denomina como “ativação patrimonial”: o processo de mobilização de valores atribuídos como formadores de um conjunto de referências identitárias, o qual, para o autor, é posto em ação por meio de agentes, tais como o Estado. Nesse processo, elementos de invenção de um passado, são acompanhados de outros que articulam sua legitimação. Tudo isso em vista do reconhecimento, por um grupo ou sociedade, daquilo que se constituirá como o fato patrimonial.

No processo de ativação, os elementos culturais são interpretados e inseridos em uma lógica da gestão patrimonial condizente com o grupo ou sociedade da qual fazem parte. Necessariamente interpretativa essa ativação manifesta-se discursivamente e pode estar na base de afirmação de identidades e ideologias. Daí sua relação muito íntima com o poder político, independente do nível em que ocorra.

Como intervenção voluntária dos sujeitos do presente sobre o passado, o patrimônio se enquadra naquilo que Dominique Poulot (1998, p. 10) define como “contribuição capital ao ato de transmitir”, pois participa “da construção de uma genealogia essencial a legitimidade política” e porque “define um conjunto de obras e monumentos dignos de serem transmitidos a posteridade”.

Várias perguntas podem ser colocadas aqui sendo a mais importante, no conjunto das reflexões que proponho a seguir: como se constrói um consenso político em torno do valor patrimonial em relação aos diversos atores que dele participam. Aqui se amplia a discussão, passando-se do estudo do patrimônio como conceito aos processos de patrimonialização, dando ênfase aos objetivos e relações da aplicação a uma variedade cada vez maior e mais diversificada de objetos materiais ou imateriais. Assim a reflexão sobre práticas associadas à salvaguarda, os

dispositivos de mediação do patrimônio e a função social do mesmo apontam, cada vez mais, para a necessidade de identificar, registrar e documentar os fatos e os objetos patrimoniais.

É fundamental pensar sobre as formas de legitimação do patrimônio e os valores atribuídos a determinados traços do passado, observando o momento no qual se dá essa ativação e aos sentidos e funções que assumem em determinado contexto social. Em estudo que venho realizando sobre as políticas de patrimônio na cidade de São Lourenço do Sul, percebo estar longe de compreender os significados e ressignificados que o patrimônio, como categoria organizadora de elementos do passado, adquire dentro dos diferentes grupos sociais. A patrimonialização de elementos da cultura pomerana, vista até então como uma cultura de segunda categoria, revestiu-se de simulacros do passado (comemorações da imigração), “turistificação” da cultura (a rota pomerana) e inserção desses elementos tradicionais em uma lógica de mercado (a venda de artesanatos, produtos comestíveis, indumentárias). Mas, ao mesmo tempo, gera efeitos como a positivação de uma identidade, a ruptura do silêncio imposto pela não aceitação dos pomeranos na comunidade urbana e outros resultados cujo impacto ainda necessitam de tempo para serem avaliados.

A cidade de São Lourenço do Sul, localizada às margens do rio de mesmo nome, na metade sul do Rio Grande do Sul, recebeu, na segunda metade do século XIX, imigrantes originários da Alemanha e Pomerânia (região situada ao norte da Alemanha e da Polônia, às margens do Mar Báltico). Esse movimento migratório vinculou-se ao contexto de transição de formas feudais para capitalistas, o que gerou um contingente muito grande de camponeses sem terra, para os quais o recurso à imigração apresentava-se como uma saída possível de reconstrução econômica (SALAMONI, 2001, p. 26). Em São Lourenço do Sul, a associação entre um comerciante português, José Antonio de Oliveira Guimarães, com um sujeito de forte representatividade empresarial, o alemão Jacob Rheingantz, foi fundamental para o agenciamento da vinda desses então denominados “colonos” e sua fixação nas terras da Serra dos

Tapes, onde se desenvolveu um crescente núcleo populacional distribuído em lotes de terra de igual tamanho (COARACY, 1957, p. 23).

Essa região configurou-se pela presença do imigrante de origem germânico-pomerana, tal como aparece na chamada *Cartilha dos 150 anos de Imigração Alemã-Pomerana em São Lourenço do Sul, 1858-2008*, publicada pela municipalidade para ser um documento de divulgação mais ampla desse histórico local. Internamente à comunidade, as diferenças entre alemães (renanos) e pomeranos foram sendo demarcadas, sobretudo, pela expressão oral, sendo o domínio da língua alemã um elemento de distinção positiva, enquanto que falar o pomerano se aproximava da caricatura forjada entre os nativos, do “alemão batata”, ou seja, o camponês de traços e hábitos rudimentares.

No que se refere a uma economia local, esses grupos configuraram aquilo que se denominou de região colonial, lugar de implantação de cultivos de frutas como pêssego, morango, bem como leguminosas e alguns cereais, produzidos em escala familiar. Já a cidade de São Lourenço do Sul, por sua ligação com o ambiente lacustre, foi um lugar de distribuição dessa produção colonial advinda das propriedades familiares em um circuito comercial que compreendia os demais núcleos urbanos da região, interligados pelas embarcações, os iates.

O declínio da indústria colonial e a introdução de monoculturas, como a fumageira na década de 1970, foram elementos degradadores das condições de vida na zona rural, resultando em um crescente abandono das propriedades rurais e a migração para centros urbanos em busca de postos de trabalho.

No começo dos anos 2000, a região colonial voltou a ser valorizada a partir de projetos de turismo rural, o que levou a um investimento público e privado nas atividades e produtos da vida colonial, significada, a partir de então, por categorias como autenticidade e tradição, às quais foram agregados o sentido e noção local de patrimônio.

É nesse contexto que se pode analisar e compreender as ações patrimoniais que estão sendo implementadas pela administração municipal, sobretudo através da Secretaria

Municipal de Turismo, Indústria e Comércio da cidade de São Lourenço do Sul. O discurso político fala de uma valorização das manifestações culturais como instrumento para a afirmação identitária e forma de reativar a economia local.

No quadro das políticas públicas de patrimônio e memória em desenvolvimento na cidade, encontramos comemorações ritualizadas, como a encenação do desembarque dos primeiros pomeranos na região; a pesquisa e registro de tradições locais; o “Caminho Pomerano” (um circuito turístico pela zona rural da cidade); a adoção de danças, cantos, criações de animais, dentre outras ações. A valorização da dimensão imaterial do patrimônio vem se apresentando como uma forma de positivação da identidade e, ao mesmo tempo, uma expectativa de desenvolvimento de um turismo cultural na região.

O discurso oficial vincula claramente o futuro, horizonte de espera, com o passado, lugar da imaginação, o que fica expresso pela fala do prefeito ao dizer que “só assim [pela busca patrimonial] conseguiremos, na prática, buscar o passado com os olhos no futuro”³. A municipalidade criou diversos canteiros patrimoniais como o “Caminho Pomerano”, as festividades comemorativas aos 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes na cidade (e sua continuidade, com a festa dos 151 anos), o Museu do Colono, dentre outras.

O “Caminho Pomerano”

Desenvolvido por agentes turísticos locais e sob agendamento prévio, o “Caminho Pomerano” aparece nos materiais institucionais de divulgação com a seguinte descrição:

“Cerca de 80% dos imigrantes que chegaram a São Lourenço do Sul a partir de Janeiro de 1858 eram de descendência pomerana. A Pomerânia, nação eslava que se localizava entre a Alemanha e a Polônia, foi dizimada no final do século XVIII. Esses imigrantes colonizaram e constituíram São Lourenço do Sul. A humildade e a sensibilidade são as características de um povo que preserva há séculos a organização dos grupos de cantos corais misto e orfeônico.”⁴

3 *Jornal O Lourenciano*, 16 de janeiro de 2008, p. 2.

4 Cartilha comemorativa do Sesquicentenário da imigração, Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul, 2008.

A partir da criação da Associação Caminho Pomerano, em 2006, congregando pequenos empresários e proprietários de sítios rurais, constituiu-se o roteiro turístico-cultural dentro do qual elementos, apontados como tradicionais, são apresentados e compartilhados com os visitantes. É assim que o café colonial, o almoço típico, o artesanato com flores secas, os pães, as cucas⁵, *schimiers*⁶, produção de queijos, linguças, peito de ganso defumado e sucos naturais e ecológicos produzidos com frutas nativas são oferecidos ao turista como produtos de uma tradição local.

Esse circuito tem como objetivo possibilitar aos turistas a “oportunidade de refazer o caminho dos colonos europeus no momento em que se estabeleceram na região”, enquanto “se entra em contato com a herança cultural desse povo”, tal como afirma a guia turística encarregada de preparar o grupo para iniciar seu *tour* cultural e imaginário. O caminho está programado para durar em torno de sete horas e, durante esse período, são relatados e representados antigos hábitos, realizam-se visitas a vários locais, além da degustação de produtos apresentados como típicos da culinária pomerana, bem como o artesanato feito na região. O consumo e aquisição desses produtos são oferecidos ao turista diretamente pelos produtores.

O caminho tem início na área urbana da cidade de São Lourenço, feito em ônibus fretado e previamente agendado. As várias paradas desse circuito remetem às diversas características culturais da região, acentuando os saberes e expressões tradicionais, bem como alguns personagens dessa cultura local, tal como o chamado “convidador”, apresentado como o sujeito responsável por realizar os convites de casamento que ocorriam na comunidade, sendo em geral o irmão da noiva, e que, tal como relatado aos turistas, ia recebendo fitas coloridas em suas vestimentas, indicando assim as famílias que aceitavam o convite. Para maior expressividade do que é contado, o próprio narrador encontra-se vestido com o traje do “convidador”.

5 A cuca é uma espécie de pão doce com introdução de frutas na massa e cobertura açucarada. Presente em toda a região denominada colonial é um, dentre tantos outros, elemento de uma culinária que engloba a mistura cultural de várias procedências étnicas.

6 Doce pastoso de frutas.

Associado a esse personagem está a vestimenta em preto das noivas pomeranas, apresentada em um discurso que associa o preto ao sinal de resistência das mulheres que na Pomerânia medieval, eram concedidas aos seus senhores feudais na noite anterior às bodas.

Entre paradas para observação de construções que remetem a um suposto estilo germânico-pomerano, templos religiosos, propriedades rurais e lugares de vendas de produtos coloniais, o grupo de visitantes é levado também a conhecer o interior de habitações nas quais elementos do cotidiano do trabalho e do espaço doméstico compõem um cenário cujo valor é a autenticidade, com exposição de objetos que se inscrevem na memória familiar como artefatos de cozinha, objetos devocionais, adornos, máquinas de costura, instrumentos de trabalho, etc.

Ao longo do passeio, o processo de formação da Colônia de São Lourenço com o aporte dos grupos imigrantes europeus é apresentado pelo guia como uma verdadeira saga e a figura de Jacob Reinganthz, o empreendedor da empresa colonial, é apresentado como um personagem desbravador e idealista. Outros episódios da história do Rio Grande do Sul também são apresentados como a relação de alguns locais com passagens da Revolução Farroupilha. Neste caso, o elemento de destaque é o suposto túmulo de Doñana (Dona Ana), irmã do General Bento Gonçalves da Silva, na igreja da comunidade de Boqueirão.

Na última parada do circuito, os turistas são convidados a degustar o chamado “café colonial pomerano” e participar de uma meditação no espaço do jardim, em torno de uma mandala estilizada composta por plantas medicinais.

Como resultado direto desse circuito surgiram alguns estabelecimentos vinculados aos produtores rurais, como os de venda do artesanato floral, cucas, *Maischnnaps* (aguardente obtida da infusão de álcool e sete tipos de ervas), biscoitos comemorativos ao Natal e Páscoa, *rivelspah* que é um bolo frito à base de batata, do *sauerkraut*, composto por repolho salgado em conserva, *Hüttenkäse*, queijo colonial pouco curado, e os produtos de origem suína, como linguiças defumadas (*Geräucherwurst*), morcilhas (*Blutwurst*) e queijos de porco.

No espaço urbano, o turismo rural do qual faz parte o “Caminho Pomerano” vem estimulando, ainda que timidamente, o surgimento de empreendimentos hoteleiros de pequeno porte.

Os resultados econômicos, no entanto, se fazem perceber em ritmo muito mais lento do que a emoção instaurada dentro da comunidade pomerana e não pomerana, pela retórica patrimonial. Essa emoção encontra na afirmação da identidade pomerana sua maior expressão e, nesse sentido, é importante salientar que esses atores sociais eram considerados cidadãos de segunda categoria até a “descoberta” do patrimônio pomerano. Vários depoimentos falam de humilhações sofridas pelos pomeranos frente aos “verdadeiros alemães”, especificamente os renanos. É o caso da vendedora de cucas que afirma ter passado da vergonha ao orgulho de ser pomerana desde o advento da Associação Caminho Pomerano. Igualmente ilustrativo desse sentimento é o que apresenta uma das funcionárias da administração municipal ao contar que quando jovem tinha vergonha de levar cuca com *schmier* para a escola, pois seus colegas, moradores da cidade, consumiam produtos industrializados aos quais ela não tinha acesso por vir do meio rural.

A nau da memória: comemorações dos 150 anos da imigração

A narrativa oficial do município apresenta a história da colonização em São Lourenço como uma verdadeira saga, enfatizando os gestos corajosos dos imigrantes que, desbravando terras desconhecidas, teriam aberto “o mato a facão”, além de outras tantas provações e sofrimentos que caracterizam essa memória das origens. A chegada dos primeiros imigrantes foi encenada por ocasião dos 150 anos da imigração alemã-pomerana, em janeiro de 2008, e em 2009 pela comemoração dos 151 anos. Nos diários locais, o anúncio dessa comemoração, em sua primeira edição de 2008, fala de sinos badalando anunciando a hora da simbólica chegada das famílias pomeranas no porto local. Essa comemoração encenada contou com a participação de descendentes de alemães-pomeranos que, vestidos com trajes

de época, refizeram, por terra, o percurso dos ancestrais.

Uma embarcação aos moldes da que teria trazido esses imigrantes foi colocada na água e figurantes com roupas antigas, carregando crianças no colo, misturavam-se com personagens que compõem essa cenografia patrimonial, como as noivas vestidas de preto, os “anunciadores” e os tocadores de gaita. Conforme relato de um diário local, “cada um se projetou no tempo e a imaginação os fez voltar às suas origens. A saudação às bandeiras da Alemanha e do Brasil mostrava um misto de esperança com a nova vida, que poderia ser conquistada, e de lembranças do seu país de origem”⁷.

O cortejo comemorativo seguiu pelas ruas da cidade num trajeto pautado pelos lugares significativos dessa memória: a região portuária e suas casas comerciais, o prédio em ruínas do que teria sido a moradia do comerciante português José Antonio de Oliveira Guimarães, a casa de Jacob Rheingantz. Cada lugar, ao ser atravessado pelo cortejo memorial, vai simbolicamente iluminando o tempo obscuro do abandono, tal como aconteceu com o grupo de figurantes ao parar na frente da casa que, nesse passado agora ritualizado, havia sido o primeiro lugar de acolhimento ao colono, ou seja, a casa de Oliveira Guimarães. Em ruínas e sem reconhecimento por parte da população e dos órgãos públicos, essa casa passou a ser vista como uma metáfora do esquecimento e, naquela manhã, é simbolicamente revelada pelo olhar patrimonial.

Tal como em uma *via crucis*, o grupo vai acompanhando as paradas que ilustram a narrativa da chegada dos imigrantes e ao som de músicas com forte apelo emotivo, choram e vivem essa ritualização e cenário da memória como se fosse uma porta ao passado: um passado que no presente retorna com cores vibrantes e acessórios contemporâneos, mediado pelos discursos das expertises locais sobre a história da colonização e pelos agentes patrimoniais representados pelo poder público.

⁷ Jornal *O Lourenciano*, 19 janeiro de 2008, p. 2.

Busca patrimonial e os diferentes sentidos do patrimônio

A motivação patrimonial parece ser um importante motor que impulsiona a economia local através do incentivo a um turismo dito cultural e rural, abrindo postos de trabalho numa cidade cujo ingresso de turistas era basicamente regido pela sazonalidade, ou seja, o uso da praia lacustre, esportes náuticos e navegação amadora nos meses de verão.

Para além do circuito étnico-cultural, como é abordado o “Caminho Pomerano”, inspirado em outros projetos dessa natureza que obtiveram relativo sucesso em regiões de colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul, a gestão municipal estimulou a instalação de empreendimentos voltados para comercialização de produtos classificados como tradicionais por serem alocados numa cadeia temporal de longa duração.

Essa busca pela recuperação de elementos tradicionais, inspirada pela política municipal e pela comemoração do sesquicentenário da colonização, deu-se através de agentes públicos com o apoio de associações como a do “Caminho Pomerano”. As entrevistas com funcionários da Secretaria de Turismo do município indicaram que algumas pesquisas tinham sido feitas para “saber como eram as coisas que não existem mais agora”. É possível compreender que nesse trabalho de recuperação de elementos tradicionais, alguns elementos da cultura já se encontravam em estágio residual, tal como alguns hábitos culinários, foram revalorizados e inseridos na dinâmica patrimonial, tal como a criação de gansos nas pequenas propriedades.

Cenário ou não, os lourencianos pomeranos vivem um momento de reconciliação com o passado e buscam recuperar traços que já se perdiam pela ausência da transmissão. A luz do patrimônio parece, assim, incidir sobre o passado, retirando-o da memória e lançando-o ao presente e futuro.

Finalizo, então, evocando um concurso lançado em Portugal no ano de 1938, pelo Secretariado de Propaganda Nacional através do jornalista Antonio Ferro. Esse concurso tinha por objetivo identificar e premiar a “aldeia mais portuguesa

de Portugal”, e objetivava estimular nos cidadãos o valor às tradições e ao regionalismo. No certame concorreram 36 aldeias, todas preparadas para receber o júri com cantares, danças, cortejos, romarias, caminhos da colheita da azeitona, etc. Alguns elementos ainda expressos na tradição, outros que, de forma artificial, recuperaram o “tempo passado” como o processo de re-envelhecimentos das casas em pedra, por exemplo. Ao final, Monsanto foi eleita então a Aldeia mais Portuguesa de Portugal.

Mantendo-se o cuidado de “eliminar materiais etnográficos que não se adaptavam à encenação de um retrato esteticamente estimulante de Monsanto”(ALVES, 1997:239), o mergulho no passado se fez acompanhar de uma reinvenção das tradições e da “autenticidade do Portugal profundo”(MARTINHO,2007).

Assim, esteticamente embelezando o passado e reinventando-se a tradição, surge, para a posteridade, a aldeia mais portuguesa de Portugal.

Da tradição inventada (HOBSBAWN; RANGER, 1984) à reinvenção de tradições (DIMITRIJEVIC, 2004), o movimento de valorização do passado inscreve o objeto patrimonial em uma duração que é autenticada e legitimada pela crença em um compartilhamento. Nessas condições, o passado assume um valor de ser “nosso”, entendido como um bem comum em cuja defesa age então o grupo ao qual se vincula.

Nesse sentido, concordamos com Arjun Appadurai (2005, p. 67), “o passado não é mais uma terra a qual se regressa por uma simples política da memória. Ele se transformou num entreposto sincrônico de cenários culturais, uma espécie de *casting* temporal central ao qual podemos aceder em função do filme a realizar, da cena a mostrar, dos reféns a salvar”. Entre novos significados e novos atores, o passado se reinventa no trabalho da memória, nos levando a pensar qual o futuro do patrimônio quando tudo poderá ser patrimônio.

Referências

ALVES, Vera M. Os etnógrafos locais e o Secretariado de Propaganda da Nação: um estudo de caso. **Etnográfica**, vol.1, nº 2,1997, p.237-257.

APPADURAI, Arjun. **Les conséquences culturelles de la globalisation**. Paris : Payot & Rivages, 2005.

CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, jan/jul 2009, p. 43-58,

_____. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHAUMONT, Jean-Michel. Du culte des héros à la concurrence des victimes. **Criminologie**, vol. 33, nº 1, 2000, p. 167-183.

CIARCIA, Gaetano. La perte durable:étude sur la notion de patrimoine immatériel. **Les carnets du LAHIC**, nº 1, Paris, LAHIC/Mission à l'ethnologie, 2006.

COARACY, Vivaldo. **A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva,1957.

DIMITRIJEVIC, Dejan. Inventer une mémoire pour construire une tradition In Dimitrijevic, Dejan. (sous la direction) **Fabrications de tradition, invention de modernité**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de l'homme, 2004.

GRYNBERG, Anne. La pédagogie des lieux, **Les Cahiers de la Shoah**, nº 8, 2004, p.15-56.

HAFSTEIN,Valdimar. Claiming culture: intangible heritage Inc., Folcklore, traditional knowledge In Hemme, D; Tauschel, M.; Bendix, R. (Hg.) **Pradikat heritage**. Studien zur Kulturanthropologie/Europäischen Ethnologie,2007.

HALBWACHS,Maurice. **La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008(1941).

_____. **Les cadres sociaux de la mémoire**.Paris: Albin Michel, 1994 (1925).

HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1997.

LESSAULT, Bertrand. F. Hartog. Régimes d'historicité. Présentisme et expérience du temps. **L'orientation scolaire et professionnelle**, nº 33/3, 2004. <http://osp.revues.org/index752.htm>, consultado em 5 de maio de 2012.

MARTINHO, Francisco Carlos P. O pensamento autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. **Locus: Revista de História, Juiz de Fora**, vol.13, nº2, 2007, p.9-30.

NORA, Pierre. Entre Mémoire et Histoire, la problématique des lieux. In: Nora, Pierre (sous la direction de), **Les Lieux de mémoire** , 1984, p.XVII-XLII

POULOT, Dominique. les patrimoines et les aventures de la modernité .In: POULOT, Dominique, **Patrimoine et modernité** (éd.). Paris: L'Harmattan, p. 7-67, 1998.

PRATS, Llorenç. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social**, n.º.21, Buenos Aires, p.17-35, 2005.

RAMIREZ, Jesus Antonio Machuca. Patrimonio y retradicionalización en la cultura indígena y popular em Mexico. In: FERREIRA, Letícia Mazzucchi; MICHELON, Francisca Ferreira (org.) **Memória, patrimônio e tradição** . PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural, CAPES. – Pelotas: EDUFPEL, 2010.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no rio Grande do Sul- O caso da comunidade pomerana. **História em Revista**, Pelotas, n.7, p.25-42, 2001.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, p. 7-21, jan/jul 2009.

WIEVIORKA, Michel. L'émergence des victimes. **Sphera Publica**, n.º 3, Murcia, Universidad Católica San Antonio de Murcia, 2003, p.19-38.